Clínica Psicológica "Ana Maria Poppovic"
Pontifícia Universidade Católica PUC de São Paulo
Aprimoramento Clínico

JAQUELINE DE MORAIS GONÇALVES
CRP: 06/117915.
Orientador: Hélio Roberto Deliberador

Monografia desenvolvida para a conclusão do aprimoramento clínico em "A CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL NO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO DE ADOLESCENTES – QUESTÕES PESSOAIS DA CONTEMPORANEIDADE.

Adolescência como inauguração de escolhas!

São Paulo
2015

Resumo: Este artigo tem o objetivo de pensar sobre a chegada, permanência e partida do adolescente na psicoterapia e a compreensão de suas escolhas, tendo como referencia o pensamento Daseinsanalítico de Martin Heidegger. Abordando a adolescência como inauguração de situações de crise, encruzilhadas, onde as escolhas feitas podem acarretar imobilidade ou movimento. O adolescente em atendimento psicológico é convidado a se pronunciar sobre si, tornando-se responsável por sua existência e se inserido no universo de possibilidades, assumindo o enfrentamento da tarefa de ser si mesmo, escolhendo ser livre para renunciar e para se comprometer.

Palavra-chave: psicologia, adolescente, escolha, existência, Heidegger.

Abstract: This article aims Think About the arrival , residence and Adolescent OUT in psychotherapy and an understanding of their choices , tendon As a reference Thought of Martin Heidegger Daseinsanalítico . Addressing adolescence As Inauguration of crisis situations , Crossroads , Where as Choices Made CAN cause immobility OR Movement. The teenager in care and psychological Asked to pronounce About himself , making -If Responsible AT YOUR existence and inserted into the possibilities of the universe, assuming face the task of Being ITSELF , choosing Being Free to resign and Pará compromise.

Key word: psychology, adolescent , Choice, existence , Heidegger.

2- INTRODUÇÃO.

O homem é condenado a se fazer homem, a cada instante de sua vida, pelo conjunto das decisões que adota no dia-a-dia, o que determina quem somos são as escolhas realizadas. As escolhas que fazemos diante das infinitas possibilidades constituem nossa essência, nossas escolhas expressam nossa forma de viver no mundo e tem impactos diretos na nossa relação com o outro e com o mundo.

Heidegger compreende Dasein, como “ser-ai”, como “ser-no-mundo”, como “ser-com; como aquele que é chamado em suas possibilidades para realizar sua existência através do “cuidado”, é cobrado por isso e sente culpa; aquele que sonha, faz plano; sabe que é finito e se angustia diante da possibilidade do nada.

Dasein “ser-ai” é condenado a ser livre para fazer suas escolhas, mas como diz Pablo Neruda, prisioneiro das conseqüências. É por esta razão que o viver é sempre acompanhado de angústia. Quando escolhemos um caminho, damos preferência a uma dentre diversas possibilidades colocadas à nossa frente. Seguimos o caminho que julgamos ser o melhor, mas ainda assim nos questionamos. Fiz a escolha certa?

Muitos adolescentes chegam para atendimento psicológico sem entender está angustia, mais uma vez a escolha não foi sua em procurar um psicólogo, em geral à busca e a demanda pelo atendimento é do outro, é dos pais, da escola ou de um médico e não do adolescente, isto dificulta o seu entendimento, aumentando ainda mais a confusão do porque esta ali diante de um psicólogo, alguém com quem terá que falar, falar de si?

Para Milo (2015) “O adolescente tem dificuldade de descrever ou entender o que esta acontecendo, ele tende a expressar seus sofrimentos através de uma alteração no seu comportamento. Ele pode se tornar mais agressivo, irritado ou até mesmo começar apresentar um comportamento delinquente” (pg.43).

A palavra "adolescer" vem do latim e significa crescer, atingir a maturidade, nesta fase, o adolescente está criando sua própria identidade, é

um tempo onde não se é adulto para fazer certas coisas, mas se é repreendido por agir como criança. É uma cobrança constante, um permanente mal-estar, um descompasso entre sentimentos desconhecidos. É um período de inquietação porque quer saber, entender e descobrir tudo em um mundo que lhe oferece infinitas possibilidades.

Sapienza (2004) nós ensina que “é na terapia onde Dasein “ser-ai”, tem a oportunidade de falar de si e ouvir a própria voz a dizer coisas que, uma vez ditas incorporadas na voz, são acolhidas por ouvidos humanos. Tomando corpo assim elas se mostram com mais nitidez. Pensamentos e sentimentos expressos dessa forma podem ser compreendidos melhor em suas proporções e significados (pg.29). Ou seja, Dasein “ser-ai”, é projeto, linguagem, tempo, decisão e angustia, e o adolescente se percebe lançado na inospitalidade, consigo e com o mundo.

O encontro terapêutico é uma possibilidade de abertura para um caminho de dirigir um olhar diferente para a própria existência, superação, reformulação de significados e escolhas, mas cabe ao adolescente (dasein “ser-ai”), escolher pela imobilidade ou pelo movimento.

3- DISCUSSÃO.

Saggese (2015), afirma que a adolescência veio constituir na sociedade moderna o momento em que o sujeito tem que tomar a palavra. Deixar para trás o escudo do outro familiar. Responder por si mesmo às questões existenciais básicas: como sou homem ou mulher? Viver é um dever ou uma escolha? Devo adotar os valores sociais ou recusá-los e pagar o preço? Ele, o adolescente, está condenado a escolher ou a permanecer infante, ou seja, aquele que não fala que não tem voz. (Pg.25).

A adolescência inaugura uma série de possibilidades na vida “A nível emocional, significa abrir-se para as descobertas de um mundo interno, para a descoberta da individualidade. Inaugura-se, pela primeira vez, o passado; a infância” (Perosa 1995, pg10)

É se sentindo confuso que o adolescente chega para o atendimento psicológico, chega atrapalhado, desprovido de instrumentos para a tarefa de

formular uma demanda sua que não seja do outro, cabendo ao psicólogo se disponibilizar para reconhecer um sentido em toda a maneira de viver deste adolescente. Quanto melhor a compreensão de suas vivências, mais poderemos ajudá-lo, nos mantendo abertos na tentativa de acolher, compreender e clarear sem julgar, sendo um facilitador, permitindo ao adolescente ser ele mesmo, falando de si, abertura terapêutica baseada no compreender.

Para Pompéia, Sapienza (2011), “ser-ai” só se determina a partir de seu mundo, como ele não possui nenhuma propriedade essencial previamente definida e como ele se vê inicialmente absolvido no mundo fático sedimentado que é o seu, ele tende a principio a se desarticular de si mesmo, a se afastar de sua negatividade constitutiva e se tornar como uma coisa entre coisas. Seu primeiro nascimento, portanto, acaba produzindo mais um afastamento de si do que uma conquista plena de suas possibilidades mais próprias (pg.11)

O adolescente na clinica, repete a fala dos pais, da escola, do médico, mas está justamente diante da missão de abandonar essa posição, passando da condição de ser falado para condição de falar de si, uma missão nova e complicada, já que é convidado a se pronunciar sobre si, tornando-se responsável por sua existência e se inserido no universo adulto.

Para Oliveira e Ferraz (2015), isto pode gerar agressividade, já que impelido a abandonar o lugar de sintoma familiar para responder em nome próprio, o adolescente é convocado a reinventar as relações que mantém com os pais, a agressividade é usada como combustível para a separação. “O adolescente deve deixar cair os pais idealizados da infância e se inserir no universo adulto, com todas as normas e renúncias exigidas para esta inserção” (pg. 37).

As situações de crise trazem encruzilhadas, as escolhas feitas podem acarretar saúde ou adoecimento do ser, a posição escolhida congela ou lança o adolescente no mundo em constante impermanência. O risco da escolha pela imobilidade pode gerar tristeza, melancolia, adiamento de sonhos, enquanto que a escolha pelo movimento pode trazer alargamento de possibilidades, percebe-se como uma pessoa responsável pelo seu cuidado correspondendo

àquilo a que lhe é convocado, escolher ser livre para renunciar para se comprometer consigo.

Tomo como exemplo, duas pacientes atendidas na clínica escola durante o curso de aprimoramento, duas garotas entre 16 e 17 anos. Uma delas chegou sozinha, tive um único encontro com a mãe depois de mais de sete meses em atendimento. Esta paciente chegou implicada e dedicada no seu processo terapêutico, era participativa, falava de si sem medo de ser julgada, conseguiu dividir suas ansiedades, segredos, medos e sonhos na terapia.

Embora desde o início estivesse disposta no seu cuidado se mostrava na angústia, confusa em formular sua demanda, pois se sentia convocada por vários pensamentos, sentimentos e comportamentos, “cansada e vazia” (sic).

No seu processo psicoterapêutico chegou se esquivando de abertura novas possibilidades de se relacionar com o mundo, seu modo disfuncional de lidar com o outro era de oposição de não-liberdade, não percebia que cabia a ela a responsabilidade pelo seu modo de agir frente ás solicitações do outro e do mundo, se mantinha restrita provocava a automutilação como meio de alivio e deslocamento de suas dores existenciais.

Ao longo de um ano em atendimento sua existência se abre para ser compreendida, a paciente pôde abrir possibilidades de se perceber como uma pessoa que precisa se disponibilizar para a empatia; para o dialogo e atenção com o outro. Experimentou durante seu processo terapêutico rever sua relação com o pai e ressignificar sua historia com ele quando se abriu para o dialogo. Deu ao pai a abertura para ele contar sua historia, se aproximar e demonstrar afeto por ela, assim como também se disponibilizou no cuidados de outras relações, com a mãe, irmã e com o namorado.

A paciente experimentou o alargamento de possibilidades, vivenciando sucesso com o seu novo modo de cuidado consigo quando procurou reconhecer que precisa se abrir para novas possibilidades de se relacionar com o outro, para abertura de novas compreensões. Seu novo modo de ser-no-mundo, veio de encontro com um novo momento de sua vida, a passagem de um ciclo educacional, o final de uma jornada árdua de estudos, que demandou dela, anos de esforço para a inserção no imaginário mundo universitário, onde

ira construir uma nova identidade e seu futuro no mundo adulto, fez escolhas apesar das incertezas que o mundo lhe mostrou e mostra.

Escolheu o movimento uma possibilidade do ser, inaugurando sua tarefa de fazer historia cuidando de si correspondendo àquilo a que é chamada. Para Pompeia e Sapienza (2011) “Ser livre é poder obedecer, é poder ouvir a si mesmo” (pg.27).

A segunda paciente chega para terapia trazia pela mãe, talvez por isso demonstrasse pouca implicação no seu processo terapêutico, mesmo tendo momentos que ela se mostrava disponível, sua comunicação era fragmentada, frágil, não desenvolvia uma frase e nem conversas, mesmo sendo estimuladas suas respostas eram curtas e rápidas.

A expressão artística foi uma alternativa proposta na tentativa de possibilitar acesso a suas projeções e sua singularidade. Houve muitas faltas ao longo dos atendimentos e nos seis últimos encontros deixou de vir, quando convocada para finalizar o processo também faltou sem justificar, abandonando neste momento uma possibilidade de construir novos sentidos e significados para suas dores existenciais. Escolheu a imobilidade, se restringindo para si e para o mundo.

Esta paciente de 16 anos explorava os recursos oferecidos e também trazia os seus, como flores e folhas naturais que colhia no percurso da sua vinda para a terapia, foi demonstrando o gosto pelo desenho e pelas cores e se mostrando mais a vontade com o espaço, chegando a explorar os objetos e decidindo as atividades do encontro, teve iniciativa e propôs o rumo de alguns encontros, embora demonstrasse suas dificuldades em se expressar, falar de si e do seu mundo foi se permitindo se afetar pelo processo terapêutico, teve momento em que se mostrava disponível em construir uma relação de proximidade comigo me apresentando via as fotos do seu celular um pouco do seu mundo.

O encontro terapêutico foi um espaço para lhe dar voz, para que ela apropria-se do seu vir a ser, falar de suas experiências particulares e entrar em contato com suas singularidades e perceber as várias possibilidades de estar-no-mundo, ampliar, reformulando significados da sua existência encontrando

novos sentidos, reforçando novas possibilidades de aberturas para realizar sua existência através do cuidado.

A paciente pôde em terapia experimentar expressar sua potencialidade de ser-no-mundo nas produções feitas e nos raros momentos que se permitiu falar de si, mas neste momento, fez sua escolha. Escolheu pela imobilidade, fugindo da inospitalidade da angustia, se afastando de sua possibilidade de ser mais própria, deixando de obedecer a si mesmo e a convocação do mundo. Uma possibilidade do Dasein.

Neste momento a tentativa de se colocar no mundo pareceu ter lhe assustado, não se sentia em casa consigo. Com sua escolha pela fuga, foi se apropriando do seu modo impróprio de ser, do seu afastamento de si mesma, não há para si a possibilidade de tornar se outro neste momento.

Kierkeggard considerava que cada homem é portador de uma missão inalienável, qual seja incumbir-se da tarefa de ser ele mesmo, de cravar em sua existência uma marca própria. O que, em hipótese alguma, poderá ser feita por outra pessoa. Considera que a maior parte dos homens vive sua existência, sem querer dar muita atenção a essa tarefa, antes mesmo ignorando-a o suficiente, até crer que esta não lhe pertence, mas a um outro (os pais, ao mundo, ao governo, ao parceiro, a Deus, etc.) (Protásio, 2008, pg 129).

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Segundo Pompeia e Sapienza (2011), Para o Dasein “ser-ai”, o apropriar-se de seu dom de ser livre significa corresponder àquilo a que ele é convocado, ou seja, significa efetivar o que é peculiar ao seu modo de ser: Servir para que? Servir para deixar que os entes do mundo se manifestem em seu ser, que as coisas se mostrem em sua verdade; servir para criar; servir para tecer o fio que reúne os acontecimentos fazendo deles histórias. Isso ele realiza quando faz suas escolhas. E poder escolher é poder ser livre para renunciar e para se comprometer.

Apropriar-se de seu ser livre é também poder ser livre para obedecer ouvindo a si mesmo. A liberdade não está num querer viver sem compromissos, sem a perspectiva da temporalidade, nem na realização de

desejos, isso leva o homem a se sentir sozinho, temeroso e desamparado, pois não assume o enfrentamento da tarefa de ser si mesmo. A angústia surge como o elemento que desperta para esta tarefa de dar ouvidos de cuidar de si. Há o perigo de se perder de sua missão, como também há a possibilidade de se tornar si mesmo.

A chegada do adolescente na terapia é marcada por muita fantasia e medo. Precisar de terapia é sentido com vergonha, fracasso é desabrigo, todos os sentimentos freqüentam a sessão. Neste sentido a psicologia é a base para uma compreensão da historia de vida deste adolescente que chega pela outro, cabendo ao psicólogo levar em conta as particularidades os aspectos sociais, culturais e juntos paciente e psicólogo costurar a colcha de retalhos deste Dasein, rumo ao empoderamento da liberdade e do cuidado, possibilitando a aquisição da emancipação individual.

GILES (1989) A própria autonomia do Ser-aí não significa outra coisa senão a resolução de ser aberto a todas as possibilidades autênticas e características da existência e, finalmente, ser para a morte. Isso só se torna possível se o Dasein Ser-aí, puder fazer um ato de reflexão sobre si mesmo, sobre suas autênticas possibilidades. O Ser-aí liberta o existente do seu ocultamento transcendental e lhe dá o ser, isto é, o seu significado. (pg.108-110).

O dasein somente compreende-se como livre quando se rende à verdade existencial como fonte válida de projeto de vida. Crenças, valores e paradigmas são destruídos neste processo. Existir é transformar-se. Exige participação, a morte só terá sentido se for em nome da vida.

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

SCHARFETTER, Christian. A Atitude do Terapeuta. Revista 3- ABD- Associação Brasileira Daseinsanalyse, São Paulo, 1977. (www.daseinsanalyse.org/publicacao.php?id=13)

FEIJOO, Ana Maria Lopes de Calvo. *A escuta e a Fala em Psicoterapia* – uma proposta fenomenológico-existencial. São Paulo: Vetor, 2000.

FEIJOO, Ana Maria Lopes de Calvo. Tédio e Finitude: Da Filosofia à Psicologia, *Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2010*.

GILES, Thomas Ranson. História do existencialismo e da fenomenologia. São Paulo: EPU, 1989.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback.2.ed. Petrópolis: Vozes, 2007

OLIVEIRA, Fernanda Hamann; FERRAZ, Maria A. Lauoaman. Juventude e Sáude Mental: A Especificidade da Clínica com Adolescente/Organizadores, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2015.

PEROSA, Miguel. Descobrindo a Si Mesmo: A Passagem para a Adolescência, São Paulo, Moderna, 1995.

PROTASIO, Myriam Moreira. Contribuições Kierkegaardianas para a compreensão do adoecimento psíquico. In: SIMPÓSIO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO – EXISTENCIAL. 1. *Anais...* Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2008.

MILO, Marcos Eduardo Abreu. Juventude e Saúde Mental: A Especificidade da Clínica com Adolescente/Organizadores, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2015.

POMPEIA, João Augusto. Os Dois Nascimentos do Homem: Escritos Sobre Terapia e Educação na era da Técnica/ João Augusto Pomeia e Bilê Tatit Sapienza. Rio de Janeiro, Vila Verita, 2011.

SAGGESE, Edson. Juventude e Saúde Mental: A Especificidade da Clínica com Adolescente/Organizadores, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2015.

Sapienza, Bilê Tatit. Conversa Sobre Terapia, São Paulo, Paulus, 2004.